

## A correspondência filosófica de Edmundo Curvelo: a relevância da década de 1940 para a renovação da filosofia em Portugal

José António ALVES\*

*Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (Portugal)*

**RESUMO:** Edmundo Curvelo (1913-1954) foi um filósofo e lógico português da primeira metade século XX. Apesar da sua obra publicada ser digna de atenção, certo é que não abundam elementos bibliográficos sobre o trabalho que publicou no seu curto tempo de vida. O presente texto apresenta a correspondência filosófica de Edmundo Curvelo com vários autores nacionais e estrangeiros. O lógico português correspondeu-se com Joaquim de Carvalho, Delfim Santos, Alonzo Church, Willard Quine, René Poirier. O acesso a esta correspondência permite conhecer melhor o ambiente intelectual da época, os intervenientes, o modo de proceder, os debates e críticas entre autores. A correspondência em apreço é uma peça de grande valor para reconstruir uma parcela da História da Filosofia em Portugal. O artigo tem por objectivo evidenciar a relevância da década de 1940 para o renascimento da filosofia em Portugal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Edmundo Curvelo, História da Filosofia em Portugal, Correspondência, 1940.

**ABSTRACT:** Edmundo Curvelo (1913-1954) was a Portuguese philosopher and logician of the first half of the twentieth century. Despite his published work to be worthy of attention, indeed not bibliographical elements abound about the work published in his short lifetime. This paper presents the Edmundo Curvelo's philosophical correspondence with several national and foreign authors. The Portuguese logician corresponded with Joaquim de Carvalho, Delfim Santos, Alonzo Church, Willard Quine, René Poirier. The access to that correspondence allows better understand the intellectual environment of the time, the players, the way to proceed, the debates and critics between authors. The correspondence in question is a piece of great value to reconstruct a portion of the History of Philosophy in Portugal. The paper aims to highlight the relevancy of the 1940s to the revival of philosophy in Portugal.

**KEYWORDS:** Edmundo Curvelo, Portuguese History of Philosophy, Correspondence, 1940.

---

\* Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) com o apoio da FCT do Ministério da Educação e Ciência (MEC), com financiamento pelo POPH-QREN-Tipologia 4.1 – Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu e por Fundos Nacionais do MEC.  
**Email:** [jalvespt@gmail.com](mailto:jalvespt@gmail.com)

## 1. Introdução: quem foi Edmundo Curvelo e objecto do texto

Edmundo de Carvalho Curvelo (1913-1954) foi um filósofo e lógico português da primeira metade do século XX. Nascido em Arronches, Portalegre, a 18 de Outubro de 1913, o filósofo português licenciou-se em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Também aí, doutorou-se em 1948 com a apresentação da tese *Multiplicidades Lógicas Discretas*. A tese fora entregue em 1947, ano da sua contratação como professor da Faculdade de Letras de Lisboa. No seguimento do seu mestre, o professor Francisco Vieira de Almeida, Edmundo Curvelo foi um dos responsáveis pela introdução da lógica simbólica no ensino universitário português.

Apesar da obra que o autor alentejano publicou ser reconhecida por alguns eruditos merecedora de atenção, certo é que não abundam os estudos sobre o trabalho que desenvolveu no seu curto tempo de vida. Edmundo Curvelo morreu em Lisboa a 13 de Janeiro de 1954 com apenas 40 anos de idade. A obra curveliana foi publicada entre 1943 e 1953: dez anos de trabalho intelectual que produziram um pouco mais de 1500 páginas de pensamento original na área da lógica e da aplicação da lógica à psicologia. (Mais elementos biográficos e bibliográficos do autor podem ser consultados no artigo que disponibilizámos na Wikipédia em 3 de Janeiro de 2011).

O presente texto focaliza-se na apresentação da correspondência de Edmundo Curvelo com autores seus contemporâneos. Pretendemos deste modo salientar a relevância da década de 1940 para o renascimento da actividade filosófica em Portugal e evidenciar o contributo do trabalho intelectual do filósofo alentejano para esse renascimento.

## 2. Sobre a relevância da correspondência pessoal dos autores

A correspondência de qualquer pessoa é um assunto privado. Tanto assim é que a correspondência está protegida por leis que preservam o seu carácter inviolável. Porém, com a morte das pessoas cessam os seus direitos jurídicos e a correspondência passa a ter a categoria de documento histórico. No caso das personalidades que desempenharam papéis importantes em determinada área, a correspondência que trocaram em vida poderá ser fonte de elementos históricos importantes ao historiador dessa área. Nessas situações a correspondência é um documento relevante para a reconstrução histórica. Através desse género de documentos consegue-se, várias vezes, reconstruir situações como as seguintes: o lugar e a data em que se encontravam determinadas figuras, o que pensavam e que assuntos as ocupavam, quais as suas relações, actividades laborais, traços psicológicos dos autores... Portanto, dar a conhecer a correspondência, no caso de Edmundo Curvelo, é contribuir para o aumento do conhecimento da história filosófica e cultural dos anos 1940, período em que a correspondência em apreço, grosso modo, foi trocada.

No estudo de um autor a obra que publicou em vida deverá ser suficiente para conhecer os problemas, propostas e argumentos que o preocuparam.

Contudo, os estudos na história das ideias revelam que os elementos descobertos para além da obra publicada exibem, muitas vezes, grande interesse: quer por ajudarem na interpretação da obra publicada, quer por ajudarem a compreender como foi construída, quer por elucidarem pontos menos claros, quer por revelarem contradições de pensamento e ou vida, quer por complementarem o conhecimento dos autores e do seu pensamento, quer por permitirem um maior conhecimento da época... Se se pode aplicar este princípio a qualquer autor, muito mais se deverá aplicar a um autor que morreu jovem e cuja obra ainda estava em construção.

### 3. A correspondência de Edmundo Curvelo

Edmundo Curvelo correspondeu-se com vários investigadores nacionais e estrangeiros do seu tempo. Na investigação que temos levado a cabo encontramos correspondência do autor alentejano com Joaquim de Carvalho, Delfim Santos, Alonzo Church, Willard Quine, William Montague, Stephen Kiss, René Poirier. Nem todas as cartas encontradas são inéditas. Filipe Delfim Santos organizou em 1998 para a Fundação Calouste Gulbenkian o quarto volume das obras completas de Delfim Santos, onde publicou o rascunho das cartas de Delfim Santos para Edmundo Curvelo. Augusto J. Franco de Oliveira organizou e publicou em 2005 no Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa as cartas de Edmundo Curvelo para Joaquim de Carvalho. O próprio Edmundo Curvelo publicou em 1949 parte da carta que recebeu de Stephen Kiss no prefácio que escreveu à tradução da *História do Neo-Realismo Americano*. Em todo o caso, quer em relação a Delfim Santos, quer em relação a Joaquim de Carvalho, descobrimos ainda documentos inéditos. No primeiro caso, as cartas de Edmundo Curvelo para Delfim Santos; no segundo caso, principalmente, as cartas de Joaquim de Carvalho para Edmundo Curvelo. A publicação desses documentos ocorrerá em breve.

O acesso à correspondência de Edmundo Curvelo é rico e permite-nos conhecer melhor o ambiente intelectual da época, os intervenientes, o modo de proceder, como se fazia o acesso à bibliografia nacional e estrangeira, os debates e críticas entre autores. A correspondência em apreço é uma peça de grande valor para reconstruir uma parcela da História da Filosofia em Portugal na década de 1940 e inícios de 1950.

Infelizmente, nem toda as cartas chegaram até nós nas melhores condições e algumas extraviaram-se mesmo. Por exemplo, em relação a Willard Quine descobrimos apenas os subscritos como prova da troca de correspondência entre os dois autores, mas quanto às missivas desconhece-se o que lhes terá acontecido. Neste caso fica apenas a prova da existência da troca de correspondência de Edmundo Curvelo com o conceituado filósofo americano. Na biblioteca pessoal do filósofo alentejano descobrimos ainda a oferta de livros do filósofo de Harvard com dedicatória do autor. Além de possuir os livros, Edmundo Curvelo publicou em 1951 na *Revista Filosófica* uma resenha ao livro do lógico americano *Methods of Logic*. Entretanto tivemos a oportunidade de consultar o espólio de Willard Quine na Universidade de Harvard e verificámos que também ali não há o registo e arquivo de qualquer missiva enviada por Edmundo Curvelo. No entanto, através das cartas do autor de *Word and Object* com Artur Moreira de Sá fica claro que o lógico americano conhecia a obra e o autor alentejano.

Noutras cartas encontradas não é possível extrair grandes ilações para além da confirmação da existência do diálogo e da conjectura de que a troca de correspondência terá ido um pouco mais longe do que o expresso na carta conhecida. É o caso da epístola de Alonzo Church. Conhece-se apenas uma carta enviada a Edmundo Curvelo com data de 9 de Agosto de 1949. Aí o lógico de Princeton responde a um pedido de bibliografia que o autor português lhe fizera, acusa ter recebido o artigo “Principia Logicalia II” e pede ao lógico português o favor de lhe fazer chegar cópia da obra curveliana a fim de a noticiar através do *Journal of Symbolic Logic*. O próprio Alonzo Church escreveu e publicou em 1948 uma recensão, nessa revista, ao livro de Edmundo Curvelo *Introdução à Lógica*, publicado pela Cosmos em 1943. Também tivemos a oportunidade de consultar o espólio de Alonzo Church na Universidade de Princeton e igualmente verificamos que ali não há o registo e arquivo de qualquer missiva enviada pelo filósofo português.

Descobrem-se, ainda, algumas missivas onde o diálogo fica pelo pedido de permissão para traduzir textos para português. É o caso da correspondência trocada em Agosto de 1949 com William Montague. Edmundo Curvelo traduziu para português e publicou em 1949 na Atlântida, na colecção “Biblioteca Filosófica”, coordenada por Joaquim de Carvalho, o livro *A História do Neo-Realismo Americano*. Na carta de 13 de Maio de 1949 de Joaquim de Carvalho a Edmundo Curvelo tomamos conhecimento da génese deste projecto. Escreve nessa carta o professor de Coimbra:

«Ocorreu-me que o estudo de Pepperell Montague daria um volume da *Biblioteca Filosófica* (...) Que lhe parece? Se a ideia lhe agrada, veja se obtém a respectiva autorização e diga que condições estabelece para a publicação da sua tradução».

Na carta de 9 de Setembro de 1949 de René Poirier, lógico francês, descobrimos o interesse e gosto que terão em França na presença do professor alentejano no Congresso Internacional de Filosofia das Ciências a realizar em Paris de 17 a 22 de Outubro de 1949. Escreve o professor parisiense:

«A Senhorita Delome, de quem acabo de encontrar a carta, no seu regresso de viagem, já vos enviou juntamente um convite. Mas, como presidente da Secção de Lógica, gostaria muito de vos dirigir um convite pessoal. Nós ficaríamos felizes por ter uma exposição sua sobre assunto que vos agrada. Esforçar-me-ei, ainda que seja um pouco tarde, por o inserir no conjunto das exposições e de organizar uma discussão sobre as suas ideias».

Na mesma carta diz ainda René Poirier conhecer as ideias de Edmundo Curvelo através da leitura dos artigos “Principia Logicalia” e “Quaestiones Logicales” publicados na *Revista da Faculdade de Letras*. O lógico português acabou por não se deslocar a Paris. Na correspondência com Joaquim de Carvalho o assunto do convite foi comentado. Escreveu Joaquim de Carvalho em carta a Edmundo de Curvelo de 27 de Setembro de 1949:

«A carta de Poirier, que ensinou uns anos Filosofia no Rio de Janeiro, é muito honrosa para si e é justo que o convite que ele lhe faz seja atendido pelo Instituto de alta e baixa cultura. Duvido, dadas as apertadas compressões

orçamentais. Em todo o caso, deve falar ao Cordeiro Ramos antes de formular oficialmente o pedido. É sempre desagradável um não...».

Em carta de 3 de Novembro de 1949 Edmundo Curvelo responde a Joaquim de Carvalho dizendo:

«Quanto ao congresso de Paris, como lhe mandei dizer enviaram-me o bilhete de Caminho-de-ferro (ida e volta) e prontificaram-se a pagar-me as despesas enquanto lá estivesse. Se eu tivesse sido convidado como particular, teria ido, mas para um representante oficial (eram esses os termos do convite) achei excessivo e... não muito bonito se aceitasse».

De qualquer modo o professor de Lisboa fez chegar o texto “Pour la Théorie des Systèmes de Transformation Duale” que foi publicado nas actas do congresso na edição da Hermann na famosa colecção *Actualités Scientifiques et Industrielles*. O episódio reforça e sublinha quanto o trabalho de Edmundo Curvelo era apreciado entre os seus pares no estrangeiro.

O autor alentejano queixou-se de não ser muito lido em Portugal e, esta, será uma das razões para ter sido tão esquecido entre nós. Porém, a correspondência que referimos até ao momento revela bem que não foi ignorado pelos seus pares estrangeiros onde a lógica encontrava um desenvolvimento maior do que em Portugal. Curioso o sublinhado, a este respeito, de Joaquim de Carvalho em carta de 14 de Março de 1951, onde pede a Edmundo Curvelo para reduzir o simbolismo lógico ao mínimo no artigo que venha a enviar para a *Revista Filosófica* a fim de não afugentar os leitores da jovem revista que dava os primeiros passos no mercado editorial português. O filósofo alentejano estava ciente das dificuldades dos leitores lusos para compreenderem a sua linguagem lógica. E o reconhecimento pelos seus pares estrangeiros não era suficiente para minimizar a pena que o autor de *Introdução à Lógica* sentia pelos seus trabalhos não acolherem eco entre os leitores em Portugal. Dá conta disso em carta a Delfim Santos. Escreve em missiva de 10 de Outubro de 1951:

«(...) agora lembre-se, Amigo, de que V. por mais de uma vez me disse que admirava a coragem com que eu continuo a publicar trabalhos que ninguém lê. Essa sua afirmação é quase correcta para *cá*, embora não seja tão correcta no que respeita a *lá fora*, como se gosta de dizer. Mas em todo o caso, Amigo, *cá* poucos são dos que os folheiam. De aí, provavelmente, a maneira como eu redigi este trabalho [refere-se ao texto “Fundamentação Epistemológica da Psicologia”, publicado em 1951]. Eu quis reduzir ao mínimo a parte técnica. Quis exprimir noções rigorosas e correctas por meio de linguagem inexacta e sem rigor – para que mais alguns, além dos raros que actualmente o fazem, me pudessem ler: *cá*».

À parte da questão da linguagem rigorosa e do que isso significará – assunto que não nos ocupa agora – facto indubitável é a obra lógica curveliana ter recebido melhor acolhimento no estrangeiro do que em Portugal. A razão é simples e prende-se, como dito acima, com o facto de o Portugal de 1940 não estar preparado para receber o simbolismo lógico. Uma das excepções, como veremos mais à frente, seria Delfim Santos que na década de 1930 estudara com Moritz Schlick em Viena e aí tinha contactado e participado na reuniões do *Wiener Kreis*. A

correspondência entre os dois filósofos portugueses revela que Delfim Santos foi um interlocutor privilegiado de Edmundo Curvelo. Talvez, por isso, não se compreenda por que razão os dois professores da Faculdade de Letras de Lisboa não desenvolveram mais a relação. As cartas que comprovam o diálogo filosófico entre os dois autores não é extenso.

Conforme referido acima, a carta do lógico americano Stephen Kiss foi publicada pelo destinatário, quase na íntegra, no prefácio que escreveu à tradução do livro de William Montague. Edmundo Curvelo fá-lo em autodefesa, perante a pouca aceitação que os textos que escrevia tinham no país. Descobre-se no gesto um sinal de revolta e a necessidade de mostrar o significado do trabalho por ele desenvolvido através da autoridade dos autores que reconheciam e compreendiam o que escrevia. Na carta de Stephen Kiss, escrita em Nova Iorque a 1 de Setembro de 1949, diz o autor da missiva:

«Escrevo para agradecer o envio do segundo volume do seu *Principia Logicalia* [Sobre as Estruturas Lógicas, artigo publicado em 1948]. Fundamentalmente, o seu livro tem o mesmo propósito que o meu [*Transformations on Lattices and Structures of Logic*, publicado em Nova Iorque em 1947], a saber, apresentar a estrutura matemática da lógica, classes, ideias, etc. o qual pode tudo ser explicado pelas álgebras de Boole, reticulados distributivos e modulares».

Os assuntos de Edmundo Curvelo têm eco entre os seus interlocutores estrangeiros e encontra neles sugestões e apreciações críticas, além de desenvolvimentos diferentes para os problemas que o ocupam. A este respeito afirma ainda o autor da carta:

«Você ataca o problema mediante um estudo de classes, ao passo que eu parti de um estudo mais geral de sistemas algébricos de composição singular e de composição dupla, tais como grupos, anéis, semi-grupos e semi-anéis».

Na carta o lógico americano reconhece ainda que provavelmente a opção do lógico português é mais vantajosa do que a sua para explicar o assunto aos estudantes e, depois de se referir ao seu próprio desenvolvimento do assunto, termina escrevendo: «Apreciei muito o seu texto *Estruturas Lógicas* e as palavras de amizade que nele inscreveu e me dedicou e agradeço sempre muito a sua simpatia». Do que escrevemos até ao momento, poderemos reter que a correspondência de Edmundo Curvelo evidencia um autor dialogante com a comunidade científica do seu tempo, quer no país, quer no estrangeiro. Mostra um autor comprometido com o rigor científico, com a tradução de conhecimento para os leitores lusos, com a divulgação no estrangeiro e em Portugal dos seus textos, com a comunidade científica internacional e, sobretudo, empenhado no diálogo capaz de contribuir para o estímulo e desenvolvimento da ciência.

#### **4. A correspondência com Joaquim de Carvalho: a relevância da década de 1940**

As afirmações demasiado absolutas caem sempre no perigo de algum exagero ou injustiça para com o que diminuem ao aumentarem o que afirmam. Temos consciência de que poderá acontecer isso ao trazermos para este texto a asserção



de que a década de 1940, em Portugal, foi um tempo de viragem em termos científicos e filosóficos. Contudo, também, facilmente reconhecemos que é inegável a história ter períodos que, *à posteriori*, o historiador percebe como tendo sido momentos privilegiados: imbuídos de singularidade pelo facto de concentrarem diferentes factores que fazem com que a relevância seja de tal ordem que depois daqueles momentos ocorrerem nada poderia continuar igual. Tal singularidade, no que à História da Filosofia (e Ciência em geral) em Portugal diz respeito, consideramos ter acontecido na década de 1940. Não que em tempos anteriores não se descubram actividades científicas relevantes e personalidades e instituições que lutaram contra um certo adormecimento em que a Universidade e a Cultura portuguesa caíra ao longo do século XIX e princípios do XX. E, sobretudo, que na década de 1930 não se encontrem acontecimentos que oferecem a premonição de que algo diferente estava a começar e na década de 1950 se descubra o desenvolvimento do que de bom, em termos científicos, aconteceu nos anos quarenta do século passado. No entanto, na década de 1940 descobrimos praticantes e actividade científica em número suficiente para a partir daí nada mais ser como antes. Encontrámos finalmente um discurso que não receia denunciar o exagero de um ensino universitário demasiadamente historicista e reclamar a ousadia da investigação e exercício das técnicas experimentais capazes de trazer novidade ao conhecimento. Por exemplo, Edmundo Curvelo reclama a mudança da Psicologia e da Lógica das Faculdades de Letras para as Faculdades de Ciências (CURVELO, 1945). Afirma o autor alentejano em *Fundamentos Lógicos da Psicologia* que o desenvolvimento da Psicologia e da Lógica depende mais da técnica científica explorada pelas Faculdades de Ciências do que da perspectiva historicistas ensinada nas Faculdade de Letras. Encontrámos na década de 1940 a consciência de vários intelectuais de que o ensino e a investigação não poderiam continuar como antes. Escreve Joaquim de Carvalho a Edmundo Curvelo em carta de 19 de Maio de 1949 dizendo a propósito da visita que fará a várias Universidades Europeias: «levo na ideia fazer-se coisa que lance as bases de um futuro em que possam trabalhar com os elementos que não tivemos os da minha idade». Refere ainda mais tarde em carta de 13 de Agosto de 1949: «Vi agora [durante a viagem que fez pela Europa] seis Universidades e vários Institutos de psicologia pura e aplicada». Na mesma década que estamos a sublinhar, descobrimos uma actividade editorial assinalável através de publicação de monografias originais, traduções e revistas. A colecção “Biblioteca Filosófica” publicou várias traduções de autores estrangeiros, clássicos e contemporâneos. Nas cartas entre Joaquim de Carvalho e Edmundo Curvelo comenta-se a tradução de *Os Elementos Metafísicos da Física* de Henry Margeunau, físico e filósofo da ciência germano-americano, traduzido por Rodrigues Martins; em carta de 13 de Maio de 1949, fala-se, conforme já referido, na tradução da *História do Neo-Realismo Americano* de William Montague; em carta de 13 de Agosto de 1949 escreve Joaquim de Carvalho: “Vai entrar no prelo o vol. I (Liv.I) da *Ética* de Espinosa, que traduzi, anotei e prefaciei.” Comenta ainda na mesma carta: “Os textos têm mais divulgação que os estudos, tanto que vai fazer-se 2<sup>a</sup> edição do *Fédon*.” Em carta de 14 de Dezembro de 1949 refere-se Joaquim de Carvalho, a propósito de pagamentos, à entrada na tipografia da publicação de uma tradução de Husserl e ainda «Esquecia-me dizer-lhe que a tradução que o Paulo [Quintela] fez da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, de Kant, foi paga por três

contos, pelo Instituto de Alta Cultura». No mesmo período, continuando a atribuição de Bolsas pelo Estado português desde a década de 1930, encontrámos bolseiros no estrangeiro e um aumento no número de doutoramentos e de alunos em doutoramento na Universidade portuguesa. A propósito de bolsas, refere Joaquim de Carvalho em carta a Edmundo Curvelo de 27 de Outubro de 1949:

«O Eduardo Faria [por nós conhecido por Eduardo Lourenço] vai com bolsa [de doutoramento] do Instituto Francês (ou da Universidade) para Bordéus; dão-lhe 30 mil francos por mês. É possível que de lá venha com a tese inteiramente redigida».

Encontrámos ainda, na década de 1940, evidências sobre o conhecimento da bibliografia internacional. Escreve Joaquim de Carvalho em carta de 5 de Setembro de 1949:

«Estou em crer que só em Outubro lhe poderei mandar a *Revue Internationale de Philosophie*. Recebi carta do Prof. [Gilbert] Ryle [filósofo inglês que muito marcou a filosofia da mente no século XX], dizendo que os dois colaboradores da *Mind* autorizavam a tradução (...)».

Encontrámos, por fim, a realização e a participação em congressos internacionais. Já atrás fizemos referência ao convite feito a Edmundo Curvelo para participar em Paris, em Outubro de 1949, no Congresso Internacional de Filosofia das Ciências.

Para coroar simbolicamente este período permita-se-nos dizer que encontrámos o primeiro prémio Nobel atribuído a Egas Moniz em 1949. Todos estes elementos, por si só, não serão suficientes para suportar a afirmação de que a década de 1940 foi um tempo de viragem filosófica e científica. São, contudo, elementos importantes a juntar à recolha de outros e à consequente comparação com outras décadas da História da Ciência Portuguesa. Os outros elementos a recolher serão: a análise de correspondência de outros autores da época, contabilidade do número de doutoramentos por anos, número de bolseiros em doutoramento, número de alunos no ensino superior, realização e participações em congressos nacionais e internacionais, publicações monográficas, artigos, traduções e periódicos, organizações institucionais, sobretudo, universidades e academia das ciências, relevância dos autores portugueses nas diferentes áreas do saber. A nossa suspeita é a de que o trabalho de recolha de todos os elementos enumerados irá alcandorar a década de 1940 como a década do renascimento da filosofia em Portugal e do modo de fazer ciência em Portugal. Essa suspeita é fundada na leitura na correspondência de Edmundo Curvelo de que aqui damos eco, mas também da de Delfim Santos a que temos tido acesso; na consulta de algumas bibliotecas pessoais, de Edmundo Curvelo, Joaquim de Carvalho, João Mattos Romão, Delfim Santos; na edição na década de 1940 de Revistas especializadas e de divulgação como, por exemplo, a *Revista Portuguesa de Filosofia*, *Revista Filosófica*, *Portugaliæ Mathematica*, *Gazeta da Matemática*, *Mundo Literário*, *Vertice*, *Mundo Ilustrado* (...); a edição na Sá da Costa da Coleção Cosmos, coordenada pelo matemático Bento de Jesus Caraça e que divulgou ao grande público muitos dos assuntos na ordem do dia na ciência internacional; na fundação em 1940 da Sociedade Portuguesa de Matemático por António Monteiro, que



infelizmente vimos partir para o Rio de Janeiro, em 1945; no magistério iniciado em Fevereiro de 1942 na Faculdade de Ciências de Lisboa por José Sebastião e Silva, que António Monteiro viria a nomear de o grande matemático português do século XX; no apogeu do nobelizado Egas Moniz.

«O início de 1940 torna-se (...) um marco de múltiplas reflexões: as comunicações científicas apresentadas ao VII Congresso do Mundo Português, mas também o invulgar e ainda inultrapassável estudo desenvolvido na área de história da ciência sobre o período pombalino, pelo físico Mário Silva, na Universidade de Coimbra» (FITAS, 2008:216).

O tema das cartas entre Joaquim de Carvalho e Edmundo Curvelo é, sobretudo, os trabalhos que têm em curso, quer para a colecção da Atlântida, “Biblioteca Filosófica”, quer para a *Revista Filosófica*. As duas publicações tinham a direcção do ilustre professor de Coimbra. Edmundo Curvelo colaborou activamente com as duas publicações através da tradução de textos, resenhas de livros, sugestão de artigos. Como já sublinhado atrás, na correspondência entre os dois descobrem-se as relações e o conhecimento do que de mais actual se escrevia à data no mundo em termos científicos. Decerto não passará despercebido ao leitor da correspondência a referência a Gilbert Ryle, iminente filósofo inglês que marcou a reflexão sobre a mente humana, a René Poirier, distinto lógico francês, professor da Sorbonne e que também chegou a ensinar no Brasil, ao ensaísta português Eduardo Lourenço, ao tradutor português de Kant, Paulo Quintela, a Delfim Santos, conhecido filósofo português, a Henrique João de Barahona Fernandes, médico psiquiatra, professor universitário, e que chegou a ser Reitor da Universidade de Lisboa. Igualmente notará a referência às revistas de prestígio mundial: *Mind* e *Revue Internationale de Philosophie*. Sublinhará ainda o leitor a notícia, como já atrás mencionado, das viagens de Joaquim de Carvalho para visitar, na Europa, Universidades e Laboratórios de Psicologia com o objectivo de melhorar o ensino e a investigação em Portugal.

Na leitura das cartas que os dois autores trocaram ressalta o movimento intelectual existente na década de 1940 que muito beneficiou a mudança no sentido de Portugal recuperar o terreno perdido pela paralisia da academia do século XIX e pelo início de século bastante conturbado pelas revoluções políticas e sociais. A correspondência entre Joaquim de Carvalho e Edmundo Curvelo, como vimos, evidencia vários aspectos desse movimento.

## **5. A correspondência com Delfim Santos: o contributo de Edmundo Curvelo para a mudança**

Um exemplo dos ventos de mudança que se respiravam no Portugal de 1940 encontra-se na obra curveliana. A obra do filósofo alentejano demonstra claramente o esforço do autor para pensar por si próprio sem o recurso à autoridade da citação histórica. Os seus livros esforçam-se por apresentar pensamento original, recorrendo ao que no momento se debatia em termos internacionais, mas sem deixar de reflectir por si mesmo e sugerir as suas soluções para os problemas.

Edmundo Curvelo deixara a Universidade em 1936 no final da sua graduação em Ciências Históricas e Filosóficas. Apenas na década de 1940 regressará à Universidade para preparar e defender o doutoramento. No regresso à Universidade conheceu Delfim Santos. Quando o autor alentejano defendeu a tese de doutoramento, Delfim Santos era já professor na Faculdade de Letras de Lisboa. A correspondência entre estes dois autores portugueses que não estiveram propriamente do mesmo lado da argumentação filosófica mostra cordialidade, sem que cada um deixe de afirmar os seus pontos de vista. Escreve Delfim Santos a Edmundo Curvelo: «O incidente [desconhece-se o que terá sido] de hoje preocupou-me. Julgo que também conhece a consideração que tenho por si e disso lhe tenho dado provas não sujeitas a dúvidas». E mais à frente:

«Se alguma coisa, porém, tem contra mim ou julga ter, gostaria que antes de firmemente assentar em tão estranha atitude, conversássemos sobre o assunto ou motivo. Não me julgo tão longe de si, do homem com sensibilidade estética e de inteligência para além das irredutibilidades aparentes da pseudo-cultura que justifique a separação que as suas palavras de hoje pretendiam sugerir».

Da parte de Edmundo Curvelo lemos, por exemplo, em carta de 10 de Outubro de 1951:

«Quero dizer-lhe primeiro que lhe agradeço muito a sua carta. Estou tão habituado ao usual ‘- Muito obrigado pelo seu interessante trabalho’ que qualquer opinião menos lacónica não pode deixar de me despertar certa ternura por quem se dá ao incómodo de a emitir. Mas acresce que, neste caso, a minha satisfação é maior porque se trata de pessoa que muito estimo e por cuja inteligência tenho respeito e consideração».

A primeira carta conhecida entre os dois é uma carta de Edmundo Curvelo para Delfim Santos com data de 25 de Novembro de 1948. No entanto, o diálogo, através de carta, mais profícuo que descobrimos situa-se no ano de 1951. Em outro lugar desenvolveremos de modo mais detalhado o diálogo interessante e importante entre os dois professores de Lisboa. Por agora, deter-nos-emos apenas nos pontos que salientam o contributo de Edmundo Curvelo para o renascimento da filosofia em Portugal na década de 1940. O contributo do filósofo alentejano estará na acentuação e luta pelo rigor da expressão filosófica.

Edmundo Curvelo empenhou-se em que o rigor não estivesse só nos seus textos, mas também no ensino: tanto nos conteúdos de leccionação como na forma e materiais de apoio à leccionação. Nesse sentido, lutou para que os Liceus por onde passou tivessem bibliotecas actualizadas. No espólio do autor encontramos relatórios para aquisição bibliográfica para a Biblioteca do Liceu Pedro Nunes em Lisboa. Mas ainda mais significativo, lutou pela criação de laboratórios de psicologia que permitissem aos alunos complementar o ensino teórico com o ensino prático. Uma dessas lutas foi por ele travada no Colégio Militar, onde leccionou entre 1944 e 1946. Recebemos o eco desse trabalho em carta de Edmundo Curvelo a Delfim Santos de 25 de Novembro de 1948:

«Do trabalho de que me fala [o *Plano de um laboratório de Psicologia e Pedagogia Experimental* publicado em 1944] foram tirados 100 exemplares,

em edição do Ministério da Guerra. Vários foram enviados às Repartições que haviam de decidir da concessão da verba necessária para a fundação do Laboratório no Colégio Militar».

Há testemunhos do laboratório ter sido mesmo criado. Apesar dos testemunhos não conseguimos encontrar no Colégio Militar documentos capazes de comprovarem esses testemunhos. Fica, em todo o caso, o registo da preocupação de Edmundo Curvelo pela mudança no estilo de ensino.

A carta de 10 de Outubro de 1951 salienta a sua constante preocupação com o rigor:

«Eu não repúdio a metafísica, e já mais de uma vez lhe disse que é intolerável que na nossa Faculdade [a de Letras de Lisboa] não haja uma cadeira de Metafísica. O que eu desejo é distinguir o que é Metafísica do que não é, o que eu desejo é distinguir os problemas metafísicos da maneira metafísica de tratar quaisquer problemas...»

E ainda:

«Devido ao inadequado da linguagem, devido à falta de rigor, à inexactidão da linguagem, o meu trabalho pode apresentar fraca consistência teórica e *parecer* metafísica. Isso é talvez inevitável e confirma a minha tese: a linguagem vulgar é insuficiente para se analisarem certos problemas».

Edmundo Curvelo, como revelam, a par dos seus livros publicados, as palavras que acabámos de ler, foi um receptor e praticante do ideário da Escola de Viena. O filósofo alentejano defendeu a unidade da ciência e o uso da lógica enquanto linguagem universal capaz de universalizar o conhecimento. Curiosamente, ao contrário do que defende nos livros publicados, na missiva a Delfim Santos não se mostra tão reticente quanto à metafísica, mas antes contra um certo tipo de metafísica: aquela que se deixa embrulhar em pensamento obscuro. O professor alentejano assimilou bem a influência do *Tractatus* de Ludwig Wittgenstein e estava convicto da necessidade, para bem do rigor científico, de apartar os enunciados dizíveis dos não dizíveis pela lógica. Uma das preocupações que o autor de *Multiplicidades Lógicas Discretas* traz para o pensamento português é o desejo do rigor e da clareza, quer dos problemas, quer das soluções. Nesta empresa a lógica apresenta-se-lhe com uma utilidade incomparável. Não obstante e apesar da crença na utilidade da lógica, enquanto via única para a análise dos problemas científicos, nunca perdeu de horizonte a preocupação em fazer chegar o seu pensamento ao maior número de pessoas. Este esforço é louvável e revela-se também noutros autores através dos textos publicados em inúmeras revistas e jornais surgidos na época com objectivos de divulgação científica. Trazer a filosofia e a ciência em geral para a ordem do dia é um modo inultrapassável para as colocar entre as prioridades sociais e políticas. Além de ser um óptimo veículo para a angariação de vocações filosóficas e científicas. Assim, confessa o nosso autor a Delfim Santos em carta de 10 de Outubro de 1951:

«Já na comunicação que apresentei ao X Congresso de Medicina do Trabalho reduzi a técnica simbólica ao mínimo — para que pessoas que a desconhecem me pudessem entender. Talvez eu esteja procedendo

levianamente. Mas, Amigo, escrever sempre isolado dos que estão mais próximos de nós, umas vezes não nos importa nada, mas outras vezes faz-nos sentir tão solitários que, então, nos dispomos a todas as transigências. Além do desejo sincero e altruísta de, por amor dos outros e não por amor de nós, compartilharmos com os que têm menos preparação técnica conhecimentos e maneiras de ver a que ligamos importância...».

Um dos traços que se nota na obra de Edmundo Curvelo é a atenção em conciliar a investigação, que o conduziu a textos de ordem mais científica e especulativa, com o professor, que o conduziu a preocupações pedagógicas e a publicações de ordem mais divulgativa.

O filósofo alentejano conheceu e leu os autores contemporâneos que trabalharam as áreas por ele desenvolvidas. Atrás referimos autores da lógica. Convirá notar, porém, que o mesmo aconteceu com a área da Psicologia. Jean Piaget foi um dos seus interlocutores preferidos, mas há outros. Nas cartas com Delfim Santos descobre-se a referência a Cyril Burt e a Charles Spearman, ambos psicólogos ingleses e contemporâneos do autor português. Nesse sentido, o filósofo alentejano nunca se furtou ao diálogo imposto pela investigação científica como também nunca se furtou ao trabalho solitário exigido à ponderação da reflexão individual. Manteve a lucidez para ter presente que a investigação demora o seu tempo a ser digerida e vulgarizada, apesar do cansaço e dos momentos de desânimo que também terá sentido. Por isso, decerto recebeu bem as palavras amigas de Delfim Santos que lhe chegaram na carta 20 Outubro de 1951:

«E se V. me pedisse um conselho eu só lhe poderia dar este: que continue, que não se desespere com a incompreensão dos outros e que não abandone aquele rigor exigente e sério que faz parte do labor filosófico».

E mais à frente:

«Quando li o seu primeiro livro *Introdução à Lógica*, na Cosmos, apreciei-o nas virtudes reais e inegáveis que patenteia: dedução rigorosa do pensamento, clareza admirável de exposição, humildade de atitude e boa composição estrutural do livro (embora sem bibliografia). E, sobretudo, muito bem escrito. Dir-me-á: tratava-se de um livro elementar em que expunha algo já elaborado e não se aventura pelos caminhos da alta especulação. Não me parece só isso. Em outros V. continuou a manifestar as mesmas virtudes que, confesso, não encontro nos seus últimos escritos».

## 6. Conclusão

Por que razão afirmámos que os anos quarenta do século XX português foram uma década relevante para o renascimento filosófico e científico no país? A afirmação funda-se nos seguintes critérios: internacionalização dos autores portugueses, aumento do número de publicações com relevância científica. Como referimos a investigação deverá recolher mais elementos que possam garantir com mais certeza a afirmação. No entanto, a correspondência que aqui vimos revela uma década com investigadores portugueses interessados com o que se fazia no estrangeiro, interessados em entrar no diálogo internacional; revela a publicação

de revistas nacionais e conhecimento de revistas publicadas no estrangeiro, forte actividade editorial, actividade de tradução de textos, edições para divulgar os assuntos que estavam na ordem da discussão mundial; revela bolseiros no estrangeiro; revela participação em congressos internacionais; revela o pedido para o envio de trabalhos, no caso, na área da lógica para publicação e revisão pela comunidade científica internacional. Todo este movimento foi alicerce de um novo começo da filosofia e da ciência em Portugal.

Por que razão afirmámos que Edmundo Curvelo contribuiu nesse renascimento? Porque, como vimos ao longo das páginas anteriores, o nome de Edmundo Curvelo surge associado, através da sua actividade filosófica e científica, a todos os aspectos que acabámos de enumerar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J. A.: «Edmundo Curvelo», WIKIPEDIA, 3 de Janeiro de 2011.

\_\_\_\_\_ *A correspondência dos Bracarenses com Delfim Santos. Elementos sobre uma década de renovação filosófica em Portugal*, in SANTOS, F. D. e ALVES, J. A., orgs., *Escola de Braga. A correspondência com Delfim Santos*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 2011, pp. 7-38.

CALAFATE, P., ed.: *História do Pensamento Filosófico Português*, 5 vols., Lisboa, Caminho, 1999-2000; Círculo de Leitores 2002-03.

CHURCH, A.: «Edmundo Curvelo, *Introdução à Lógica*, Lisboa: Cosmos, 1943», in *Journal of Symbolic Logic*, Vol. XIII, N. 3, Setembro de 1948, p. 144.

CURADO, M.: *Lógica em Portugal no Século XX*, in CALAFATE, P., ed., *História do Pensamento Filosófico Português*. Vol. 5, tomo 2. Lisboa: Caminho, 2000, pp. 327-419. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003, pp. 327-419.

CURVELO, E.: *Introdução à Lógica*, Lisboa, Cosmos, 1943.

\_\_\_\_\_ *Plano de um Laboratório de Psicologia e Pedagogia Experimental*, Lisboa, Ministério da Guerra, 1944.

\_\_\_\_\_ *Fundamentos Lógicos da Psicologia*, Coimbra, Atlântida, 1945.

\_\_\_\_\_ *Multiplicidades Lógicas Discretas*, Tese de Doutoramento em Filosofia na Universidade de Lisboa, Lisboa, edição de autor, 1947 (Tip. Mem Martins, Europa-América).

\_\_\_\_\_ «*Principia Logicalia* I. Noções e Sistemas da Lógica Elementar Encarados de Ponto de Vista Superior», in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 2<sup>a</sup> série, XIV, 2 (1948), pp. 20-61.

\_\_\_\_\_ «*Principia Logicalia* II. Estruturas Lógicas», in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 2<sup>a</sup> série, XIV, 3 (1948), pp. 49-134.

\_\_\_\_\_ «*Quaestiones Logicales* I. Do Substantivo, do Adjectivo e, em geral, da Lógica e da Gramática», in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 2<sup>a</sup> série, XIV, 2 (1948), pp 117-125.

\_\_\_\_\_ «*Quaestiones Logicales*. II. Sur l'invariance logique», in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 2<sup>a</sup> série, XIV, 3 (1948), pp 219-223.

\_\_\_\_\_ Prefácio à tradução de *História do Neo-Realismo Americano*, por William P. Montague. Coimbra: Atlântida, 1949.

- \_\_\_\_\_ «*Quaestiones logicales* III. Pour la théorie des systèmes logiques de transformation duale», *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 2<sup>a</sup> série, XVI: 3 (1950), pp. 149-166.
- \_\_\_\_\_ «*Quaestiones logicales* IV. Problemática filosófica da probabilidade», in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 2<sup>a</sup> série, XVII, 1 (1951), pp. 128-139.
- \_\_\_\_\_ «Pour la Théorie des Systèmes de Transformation Duale», in *Actualités Scientifiques et Industrielles*, n<sup>o</sup> 1134. Paris, Hermann, 1951, pp. 30-44.
- \_\_\_\_\_ «Willard V. O. Quine, *Methods of Logic*, Henry Holt and Co., New York, 1950», in *Revista Filosófica*, 1 (Março de 1951), p. 86.
- FIOLHAIS, C. e MARTINS, D.: *Breve história da ciência em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Univ. de Coimbra e Gradiva, 2010.
- FITAS, A.; RODRIGUES, M. A. E.; NUNES, M. de F.: *Filosofia e História da Ciência em Portugal no Século XX*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2008).
- OLIVEIRA, A. J. F. de, org.: *Cartas de Edmundo Curvelo a Joaquim de Carvalho (1947-1953) e outros inéditos*, Lisboa, Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2005.
- REAL, M.: *O pensamento português contemporâneo 1890-2010: o labirinto da razão e a fome de Deus*, Lisboa, INCM, 2011.
- SANTOS, F. D., org.: *Obras Completas de Delfim Santos, vol. IV – Correspondência*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- SILVA, L. C. da: *Portugal*, in SCIACCA, M. F., dir. (1958-1959), *Les grands courants de la pensée mondiale contemporaine: Panoramas nationaux*, 1<sup>a</sup> Parte, 2<sup>o</sup> vol., Milan, Marzorati, 1959, pp. 1039-1066.